

PRÁTICAS INTERATIVAS: A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE AS DISCIPLINAS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Raissa Evelyn Lacerda de Araújo¹

Ana Beatriz Avelino Dantas²

Elisângela Cabral Moço³

Patrícia Cristina de Aragão⁴

RESUMO

O campo das Ciências humanas sempre foi uma área totalmente interligada com as outras, no sentido de sempre dialogar com outras disciplinas, como a sociologia, a filosofia, a antropologia, a geografia, entre muitas outras. Partimos do princípio de que cada disciplina escolar possui algo que agregue ou que possa contribuir para a outra. Esse pensamento é guiado pela ideia do psicólogo Piaget, que via a interdisciplinaridade como uma relação mútua de integração, e este pensamento, pode sem dúvidas ser levado para dentro das discussões educativas. Este artigo foi desenvolvido a partir de um minicurso de formação, proposto pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID, da Universidade Estadual da Paraíba, somada às práticas vivenciadas em sala de aula, também proporcionadas pelo programa. Foram diante das teorias propagadas durante o minicurso, dos estudos das ideias de Piaget e de Paulo Freire, que percebemos a necessidade e importância da associação entre duas disciplinas de humanas, neste caso foram as disciplinas de História e Geografia. Entretanto, é bom lembrar que essa ligação entre diferentes disciplinas, também ocorrem em áreas distintas, misturando exatas e humanas, como por exemplo: matemática e sociologia, porém, neste caso, os focos foram as disciplinas de História e Geografia, as quais já são familiares pelos seus respectivos conteúdos. A partir destes estudos e das práticas docentes notamos que as interligações de forma metodológicas geram resultados positivos para a educação. Dentro do campo da história muito é discutido sobre as regiões, os continentes, os países, etc. Portanto, foi com intuito de tornar o aprendizado mais autônomo, como prega va Paulo Freire, e interdisciplinar, que foi abordado dentro das aulas de história a inserção de mapas e globos terrestres, para assim conseguir unir dois conhecimentos com objetivo de obter uma aprendizagem melhor. A intenção deste estudo é inspirar outros professores.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, História, Geografia, Educação.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Integrante do PIBID – UEPB – Campina-Grande. Bolsista Capes. raissa.evelyn@aluno.uepb.edu.br

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Integrante do PIBID – UEPB – Campina-Grande. Bolsista Capes. ana.beatriz.dantas@aluno.uepb.edu.br

³ Graduada no Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Supervisora do PIBID – Campina-Grande. Bolsista Capes. elisangelacabralmoco@gmail.com.br

⁴ Doutora no Curso de História da Universidade Federal de Campina-Grande – UFCG. Coordenadora do PIBID. Bolsista Capes. Professora da Universidade Estadual da Paraíba. patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da educação no Brasil, que as disciplinas de História e Geografia se interligam, fatos que se observam a priori na formação do Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB), no qual se utilizou de ambas disciplinas para formar um projeto de nação brasileira. Em termos educacionais de forma institucionalizada de fato, as disciplinas de história e geografia foram unidas de forma mais efervescente nos anos de 1971⁵ com a instauração da ditadura militar no Brasil, mais especificamente com a lei 5.692/71, foi a partir de então que se pôde perceber os limites de tal união. Esta ocasião uniu as duas disciplinas em apenas uma só, entretanto, essa junção não foi proveitosa de maneira nenhuma, pois acabou limitando os conhecimentos específicos de cada uma, ocultando seus saberes individuais e específicos.

Fica evidente que a articulação de conhecimentos não deve ser feita com intuito de reduzi-los e sim de ampliá-los. O objetivo aqui é justamente mostrar como que uma disciplina pode se utilizar da outra como recurso metodológico. Principalmente se tratando do campo das humanas, que por si só já é uma área interligada entre si. Se tratando mais afundo da área de história, desde a sua criação institucional em 1838 com sua inserção no currículo do Colégio Pedro II, a história possuiu um objetivo muito limitado a apenas decorações de datas e heróis nacionais. Com a passagem dos anos essa situação melhorou um pouco, mas ainda sim a disciplina de história ficou com essa marca registrada, que resultou no estereótipo da disciplina chata e cansativa.

Dessa forma, a intenção de praticar a interdisciplinaridade com a disciplina de geografia, foi exatamente de tornar o ensino de história mais didático a partir desta relação interdisciplinar, e para isso acontecer se tornou necessário o diálogo com outras disciplinas, pois dentro do campo da educação, se considera que toda disciplina sempre terá algo a acrescentar crucialmente à outra. É assim que vai se construindo a educação. Esse movimento de associar disciplinas distintas em prol de ampliar a educação não se restringe apenas a área de humanas, o mesmo pode ocorrer entre disciplinas das exatas, e ainda mais, é possível mesclar disciplinas das exatas dentro das disciplinas das humanas. Dentro da educação há inúmeras possibilidades a serem testadas.

Assim, dentro dessa nova geração de alunos, que estão cada vez mais reversos as aulas tradicionais e perdem a atenção muito rápido, fica evidente a importância de nós enquanto

⁵ Lei citada pela professora Mara Regina Martins Jacomeli, no seu artigo intitulado: A Lei 5.692 de 1971 e a presença dos preconceitos liberais e escolanovistas: Os Estudos Sociais e a Formação da Cidadania (2010).





professores, buscamos novos recursos metodológicos para tornar a aula mais interativa até certo ponto. Essa necessidade nos dias de hoje, estão presentes em praticamente todas as disciplinas, pois o público-alvo da escola atualmente se encontra adoecido pelo uso constante das telas. Com isso, é válido refletir sobre as diferentes abordagens didáticas, principalmente dentro do campo da história, a qual já possui um histórico bem estereotipado.

METODOLOGIA

Este relato foi produzido a partir das experiências proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina-Grande. Foi através das vivências experimentadas na ECIT Prefeito Williams de Sousa Arruda, localizada no bairro do Cuités em Campina-Grande, em uma turma de 8º ano do fundamental II anos finais, que foi possível perceber a necessidade que os alunos tinham em visualizar aquilo que estava sendo dito.

Foi com as observações das aulas que tivemos durante um bimestre inteiro com os alunos, que conseguimos notar as carências da turma em relação a assimilação dos conhecimentos da disciplina de história. Foi a partir dessa perspectiva de tentar deixar o ensino de história mais leve e fácil dos alunos assimilarem que cogitamos unir os conhecimentos de história junto aos conhecimentos de geografia.

A vivência de sala de aula somada a teoria dos minicursos proporcionados também pelo (PIBID) possibilitaram a ampliação do nosso olhar para com a educação. A necessidade principal que guiou esse trabalho foi a de entender como transmitir o conhecimento histórico de uma forma que o aluno compreenda e não apenas escute meramente como um ouvinte, a intenção é de trazer o aluno para perto da disciplina, acendendo nele a vontade de se aproximar da história.

A aplicação desse relato se deu com a prática docente, através da exposição de uma aula sobre os povos indígenas. Foi a partir desta aula que experimentamos a interligação entre os saberes de história e geografia, disciplinas irmãs. A decisão de abordar o assunto dessa forma foi planejada junto à coordenadora do subprojeto de história e à professora da escola campo. Tudo ocorreu em torno de duas aulas seguidas de história.

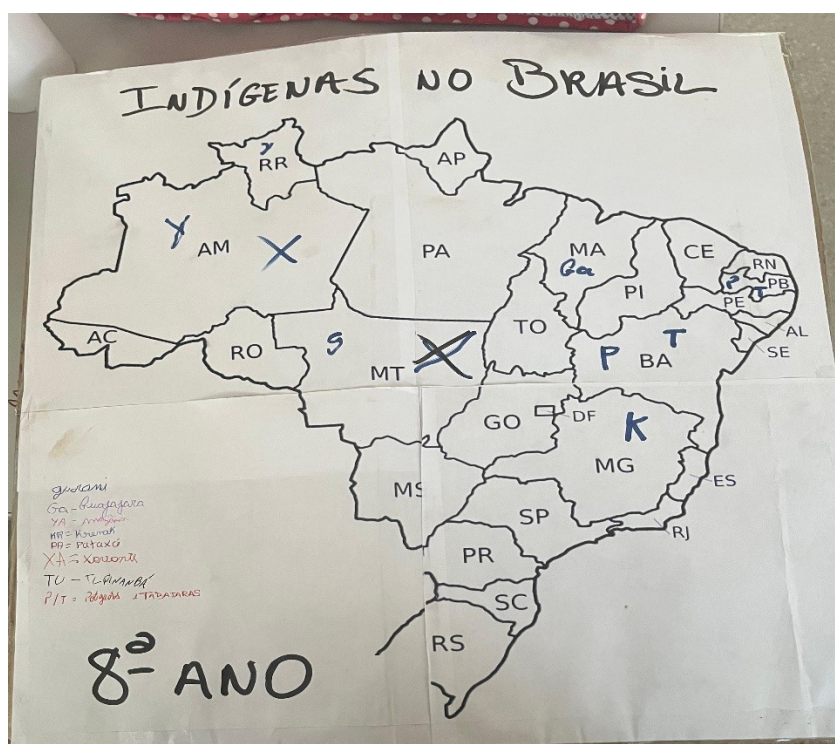
Vale lembrar ainda que a escola que vivenciamos essa experiência foi uma escola integral técnica, portanto todos os alunos desde o 6º ano até o ensino médio passam o dia inteiro na escola, o que já exige alguns cuidados, pois esses alunos em grande maioria já são



indivíduos cansados por conta da extensa carga horária. Dessa forma, reforça mais ainda a necessidade de ampliar os recursos didáticos em sala de aula.

Utilizamos os conhecimentos de geografia durante todas as aulas, incluídas nas próprias explicações do conteúdo. Entretanto, utilizamos dos recursos geográficos nas aulas de história de forma mais efervescente durante a semana do “abril indígena”, onde nos baseamos a partir do mapa do Brasil para evidenciar a explicação aos alunos de forma mais prática.

Anexo 01: Registro do mapa elaborado pelos alunos em sala.



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

A dinâmica deste dia aconteceu da seguinte forma, dividimos a turma em 8 grupos, cada grupo ficou responsável por pesquisar um povo indígena do Brasil. Após isso, montamos o mapa em sala de aula e pedimos para cada grupo vir a frente da sala explicar o grupo indígena que pesquisou, em seguida, marcar no mapa o estado brasileiro que esse grupo se encontra e dizer as características geográficas dessa região. Assim conseguimos unir conteúdos de história e geografia em prol de um único objetivo, o qual era justamente tornar o ensino proveitoso para ambas disciplinas.

Ao final desta experiência notamos que abertura da disciplina de história para a utilização de outros recursos didáticos das outras áreas de conhecimento são sem dúvidas



ótimas opções para tornar o ensino mais prático e próximo dos alunos, pois não adianta falarmos do sudeste brasileiro se o aluno não tem noção de onde fica isso no mapa. Dessa forma, fica clara que, a interligação entre as disciplinas, devem ser mais praticadas no âmbito escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A geografia e a história, enquanto disciplinas escolares dialogam entre si. O que diferencia cada uma é apenas o objeto de estudo. A história estuda as transformações do ser humano no espaço e tempo, já a geografia estuda as modificações do mundo no espaço e tempo. Essa ligação deu origem a uma matéria de estudos nomeada de geo-história, presente no livro: O Mediterrâneo, de Fernand Braudel.

A verdadeira matéria do estudo é essa história “do homem em relação ao seu meio”, uma espécie de geografia histórica, ou, como Braudel preferia denominar, uma “geohistória”. A geo-história é o objeto da primeira parte do Mediterrâneo, para a qual devota quase trezentas páginas, descrevendo montanhas e planícies, litorais e ilhas, climas, rotas terrestres e marítimas (Burke, 1992, p. 38)

Já partindo para o campo da educação, nos baseamos em dois autores principais para realização deste relato, um da área da pedagogia, o pedagogo e educador Paulo Freire, que se dedicou durante toda sua vida profissional ao estudo da educação brasileira, discutindo questões importantes deste campo do conhecimento. Utilizamos Freire para guiar nossa abordagem metodológica, partindo do viés da curiosidade dos alunos. A nossa intenção ao associar as disciplinas de geografia e história, foram desde o início baseadas no objetivo de instigar no aluno a vontade de querer mais sobre a disciplina. Segundo Paulo Freire, em sua obra muito conhecida: Pedagogia da Autonomia, essa característica de intimidade do aluno para com o ensino, deve ser antes de tudo um desafio.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1996, p. 44).





Assim, conseguimos através de Freire, estabelecer um objetivo geral para a nossa aula, que era exatamente a de trazer o aluno para mais perto da disciplina de história, tentar fazê-lo mergulhar nesse mundo de perspectivas que a história possui. Tudo isso contribuiria para uma aula mais didática, tirando o peso estereotipado da disciplina, e para isso utilizamos os recursos metodológicos da geografia.

Além de Freire, buscamos ainda outro autor, desta vez um psicólogo, pois queríamos entender teoricamente como funcionava a mentalidade das crianças, já que nossa experiência ocorreu com crianças do 8º ano do ensino fundamental II. O autor em questão é o biólogo e psicólogo Jean Piaget, o qual dedicou sua vida profissional aos estudos cognitivos das crianças. Em sua obra: *A Formação do Símbolo na Criança* (1964), ele pontua o poder que a criança tem em se adaptar. “ A criança procura adaptar-se às coisas e às pessoas, a uma acomodação cada vez mais diferenciada” (p.69). Trazendo isso para dentro do âmbito educacional, podemos associar essa adaptação às facilidades que os alunos possuem em assimilar várias formas de interações pedagógicas em sala de aula, podendo se tornar até mais fáceis para o aprendizado deles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica relatada neste artigo, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, Campina Grande, consistiu na aplicação de uma abordagem interdisciplinar entre História e Geografia em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, na ECIT Prefeito Williams de Sousa Arruda.

A aula sobre povos indígenas foi estruturada para integrar recursos geográficos, como mapas e globos terrestres, ao conteúdo histórico, visando tornar o aprendizado mais visual e autônomo. Observações durante as duas aulas consecutivas revelaram que os alunos demonstraram maior engajamento ao manipularem os materiais geográficos, identificando territórios indígenas e relacionando-os a eventos históricos, o que facilitou a assimilação dos conceitos. Essa integração promoveu uma compreensão mais ampla, com alunos expressando curiosidade sobre as relações espaciais e temporais, rompendo com a percepção estereotipada da História como disciplina baseada apenas em memorização de datas e heróis.

Os achados indicam que a utilização de ferramentas da Geografia, como a representação cartográfica, enriqueceu o ensino histórico, permitindo que os alunos visualizassem as transformações sociais e culturais no espaço, conforme preconizado pela





geo-história de Braudel (Burke, 1992). Essa prática alinhou-se aos princípios de Freire (1996), que defende uma educação desafiadora que desperte a intimidade do aluno com o conhecimento, evitando o modelo passivo de aprendizado. Além disso, a abordagem atendeu às ideias de Piaget (1964) sobre a adaptação cognitiva das crianças, pois os alunos, na faixa etária de 12 a 14 anos, adaptaram-se rapidamente aos recursos visuais, diferenciando-se das aulas tradicionais e reduzindo o cansaço associado à carga horária integral da escola.

A interdisciplinaridade não apenas ampliou os saberes específicos de cada disciplina, mas também contribuiu para uma educação mais inclusiva, destacando a importância de mesclar humanas com outras áreas para atender às demandas das novas gerações, que exigem métodos interativos diante do uso constante de telas. Essa experiência reforça que a união de História e Geografia deve visar a ampliação, e não a redução, dos conhecimentos, superando limitações históricas como a unificação durante a ditadura militar em 1971, que ocultou saberes individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do exposto acima, a interdisciplinaridade entre História e Geografia, explorada neste relato a partir de experiências no PIBID, demonstra ser uma ferramenta essencial para enriquecer o processo educativo, promovendo uma aprendizagem mais autônoma e integrada. Ao utilizar recursos geográficos em aulas de História, como na abordagem sobre povos indígenas, foi possível instigar a curiosidade dos alunos e romper com estereótipos tradicionais da disciplina, alinhando-se às perspectivas de Freire (1996) e Piaget (1964).

Essa prática não só ampliou os saberes específicos, mas também contribuiu para a formação integral dos alunos em escolas de tempo integral, atendendo às demandas de uma geração imersa em tecnologias digitais. Os resultados positivos sugerem que a integração de disciplinas devem ser incentivadas em contextos educacionais diversos, fomentando diálogos entre áreas como humanas e exatas.

Recomenda-se a expansão de programas como o PIBID para capacitar mais docentes em metodologias inovadoras, garantindo uma educação mais reflexiva e adaptada à realidade contemporânea. Pesquisas futuras poderiam investigar o impacto a longo prazo dessa abordagem em diferentes níveis de ensino, contribuindo para o avanço da pedagogia interdisciplinar no Brasil.





A intenção final com toda essa proposta de interligação entre as disciplinas de geografia e história é justamente com o objetivo de colaborar com a educação, pois, se cada disciplina se utilizar de recuso de outras áreas para facilitar suas aulas, os alunos serão mais interativos com as aulas e mais interessados pelo assunto, principalmente quando se trata de crianças do fundamental II, que ainda são muito imagéticos.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

JACOMELI, Mara Regina Martins. **A lei 5.692 de 1971 e a presença dos preceitos liberais e escolanovistas: os estudos sociais e a formação da cidadania**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 39, p. 76–90, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639718>. Acesso em: 8 out. 2025.

